

Por uma organização da escola a pensar nos alunos e no trabalho dos professores

Jorge Sarmiento Morais

Inspeção Geral da Educação e Ciência – Chefe de Gabinete do Secretário de Estado da Educação

1. Nos agrupamentos de escolas os professores são colocados em vagas criadas por grupos de recrutamento. Estes grupos organizam-se em estruturas maiores, os departamentos curriculares com o objetivo de garantir a articulação e a gestão curricular.

Os agrupamentos e as escolas não agrupadas gozam de autonomia na definição do número de departamentos curriculares, bem como na definição dos grupos de recrutamento que constituem cada um dos departamentos. Embora se encontrem algumas especificidades de agrupamento para agrupamento, há uma grande uniformidade na definição dos grupos que constituem cada um dos departamentos, bem como no número de departamentos. Podemos dizer que o Decreto-Lei n.º 200/2007, de 22 de maio, continua a ser a fonte inspiradora da forma como se organizam os departamentos. Ainda que com diferenças ao nível da sua designação, os mais recorrentes são os da Educação Pré-Escolar; 1.º Ciclo; línguas; matemática e ciências experimentais; ciências sociais e humanas, expressões, sendo que, em alguns casos, existe ainda o de Educação Especial.

O facto de esta organização dos departamentos ter perdurado pode ficar a dever-se a dois motivos: por um lado, o impulso da restante legislação, designadamente do regime de autonomia e gestão das escolas e, por outro, o facto de estes departamentos darem continuidade a algumas afinidades que já estavam presentes nos próprios grupos de docência e na formação dos professores. Recordamos que no 2.º ciclo existe um mesmo grupo para português e francês, outro para português e inglês, outro que agrega matemática e ciências naturais. Por seu lado, também no secundário os professores de português estiveram no mesmo grupo dos de francês, e os de alemão no mesmo grupo de inglês.

Os grupos de docência e agora os departamentos têm sido a grande estrutura de organização dos docentes condicionando também a forma como os professores trabalham. É prática, na generalidade das escolas, que os professores se reúnam em grupos de acordo com a disciplina e o nível que lecionam para, logo no início do ano, fazerem todo o trabalho de planeamento de longo e

médio prazo. A estas reuniões sucedem-se outras, em regra com uma frequência mensal, que permitem fazer pontos de situação do cumprimento das planificações, preparar materiais em conjunto, instrumentos de avaliação etc.

Esta organização em grupos de recrutamento suscita a criação, no seio da escola, de relações de trabalho e de proximidade, chegando ao ponto de regular os próprios espaços de convívio, de trabalho e as relações entre as pessoas. Não raro, existem salas específicas e os docentes agrupam-se e criam afinidades de acordo com as áreas disciplinares.

O desenvolvimento de competências que hoje é pedido à escola requer o desenvolvimento de conhecimentos, capacidades e valores que têm que ser trabalhados de modo interligado no conjunto das diferentes disciplinas do currículo dos alunos.

Esta organização dos docentes em torno das suas áreas de saber mostra-se desajustada e reforça os mecanismos de isolamento dos docentes mesmo no seio dos conselhos de turma a que pertencem. O exemplo mais visível deste isolamento disciplinar pode ser encontrado nas situações em que os encarregados de educação apresentam reclamação sobre a avaliação do aluno em determinada disciplina. Aí a demonstração do juízo feito e dos fundamentos que o suportam

recai sistematicamente sobre o professor dessa disciplina, que apenas conta com a solidariedade institucional e, muitas das vezes, meramente corporativa, dos restantes.

O trabalho que hoje em dia é pedido às escolas desafia também a sua organização, a qual tende a estar mais centrada nos professores do que nos alunos.



Uma escola centrada nos alunos fará surgir novas formas de organização e de trabalho onde se agregam e conjugam os professores das diferentes disciplinas. Se cada docente é competente no âmbito da sua disciplina, conhecedor dos conteúdos curriculares que leciona não precisa que o centro da sua articulação curricular seja um professor do mesmo grupo disciplinar, mas sim os colegas das outras disciplinas de modo a ter um trabalho integrado ao nível do conselho de turma para que a gestão do currículo da turma seja feita num todo, as estratégias de ensino e aprendizagem sejam pensadas para a turma, centradas não apenas nos conteúdos, mas

principalmente nas especificidades dos alunos de cada turma. Caso contrário, quando se menospreza este planeamento ao nível da turma, os alunos recebem um conjunto de conteúdos onde a leção das diferentes disciplinas não é articulada, não beneficiando das aprendizagens de outras disciplinas e onde as tarefas propostas se acumulam, mas não se cruzam. No final do dia ou da semana, os alunos são aqueles que têm todo o conhecimento do conjunto das atividades e do acumulado de tarefas, muitas vezes em número exagerado, porque foram decididas individualmente por cada professor. É prática habitual nas escolas, o livro de ponto ter uma folha colada onde os docentes registam a marcação dos testes de modo a evitar a marcação de dois testes no mesmo dia, ou a não sobrecarregar uma semana. A necessidade da existência deste impresso, não negando a sua utilidade, exemplifica a forma como o planeamento é feito de um modo individual e do ponto de vista disciplinar.

É assim importante que as escolas possam criar equipas educativas, com professores das diferentes disciplinas, que acompanhem os alunos de várias turmas, ou de um ano de escolaridade, ao longo de um ciclo de ensino. Para que estas equipas educativas possam de facto ser eficazes e eficientes é necessário que as escolas possam e não tenham receio de reorganizar o serviço docente, já que a grande

disciplinarização das matrizes curriculares não facilita o trabalho docente. As diminutas cargas letivas de algumas disciplinas e o número de turmas que esses docentes têm que lecionar para preencher o seu horário faz com que variadíssimos professores do conselho de turma tenham 6, 7 ou mais turmas. É necessário ter presente que a função docente é uma profissão de relação educativa e que esta precisa de ser conquistada, trabalhada e mantida com cada um dos alunos, o que não é fácil quando o docente tem em torno dos 200 alunos. Reforça-se aqui a vantagem de estas equipas educativas lecionarem em conjunto mais do que uma turma, de modo a aproveitar dinâmicas de conhecimento, de trabalho e de rotina entre os professores, não esquecendo que também eles precisam de se constituir e fortalecer enquanto equipa.

Neste tipo de trabalho ganhará relevo, do ponto de vista de gestão curricular, a função de um coordenador da equipa, ou do próprio diretor de turma e do coordenador dos diretores de turma cada vez mais entregues à resolução de situações comportamentais e, no caso destes últimos, à preparação administrativa das reuniões intercalares e de avaliação no final de cada período.

2. Se nos lembrarmos dos horários das nossas turmas quando fomos alunos,

independentemente da idade que o leitor tenha, e os compararmos com os horários que os alunos têm hoje, constatamos que as semelhanças são muito mais do que as diferenças, restringindo-se estas a uma ou outra disciplina nova que, entretanto, foi criada – talvez TIC; a duração das aulas poder ser 45 ou 50 minutos, quando no passado eram em todas as escolas de 50 minutos e talvez um sábado sem aulas fruto do aumento do número de escolas. No essencial, com mais ou menos um tempo nesta ou naquela disciplina, vemos que a forma como se organiza o serviço educativo quase nada mudou.

Os horários continuam a ser uma sucessão de disciplinas separadas por intervalos, que permitem “fechar a gaveta” de uma para entrar noutra e assim sucessivamente.

Também aqui é necessário inovar e ser capaz de fazer diferente. O trabalho em projeto onde se realizam aprendizagens e enriquecimentos de diferentes disciplinas é incompatível com uma organização dos horários estanque ao longo do ano letivo, onde as aprendizagens mudam de 45 em 45 minutos e onde um único professor gere o trabalho da turma.

Isto é, mais uma vez, fragmentar o currículo e as formas de ensinar e aprender.

O tempo dos professores é precioso e não é elástico. É por isso que estas novas formas de pensar e organizar o trabalho dos professores se revelam instrumentos que podem ser capazes de rentabilizar esse trabalho e de reduzir alguma da carga burocrática que ainda impera.

A autonomia da escola tem que passar por aqui. Não necessariamente pelo permitir que se possa fazer, mas sim pelo ser capaz de pensar e organizar o serviço educativo de diferentes formas.